

Como construir uma comunidade virtuosa?

Ramiro Marques

Antes de respondermos a esta questão é conveniente definirmos comunidade virtuosa. Aquilo que sustenta uma comunidade virtuosa é a partilha do bem comum e o compromisso de o conservar e fortalecer. O bem comum é um conceito difícil de definir. Sabemos que é um conceito importante porque quando ele não existe ou não é partilhado, a comunidade desfaz-se, os seus membros digladiam-se na defesa de questões particulares, cresce a dissensão, a malícia e a animosidade. Sabemos que uma comunidade não pode manter-se sem que os seus membros partilhem uma noção de bem comum. Etimologicamente, a palavra comunidade vem de *communio*, ou seja, *comunhão*, pôr em comum, partilhar. Não se pode estar em comunhão se não se reconhecer a existência de um todo que importa assegurar e proteger. A comunhão é uma forma de testemunhar essa partilha. No fundo, o bem comum é o conjunto das práticas culturais e sociais que afirmam a nossa humanidade comum e a nossa pertença a uma comunidade. O objectivo do reconhecimento do bem comum é a procura da melhoria de todos e de cada um. Como sabemos, tal empreendimento só pode ser feito com o esforço de muitos. Não é tarefa para ser realizada individualmente. Então, uma comunidade virtuosa não é mais do que um conjunto de pessoas unidas pelo reconhecimento e partilha do bem comum e que, unidas, em comunhão, visam a melhoria de todos e de cada um. É claro que uma comunidade virtuosa é uma comunidade onde se cultivam e usam as virtudes. Todas as comunidades virtuosas asseguram um processo de transmissão e de aquisição das virtudes pelas novas gerações. A família, as Igrejas locais e a escola são agências fundamentais desse processo. Mas não

são as únicas. Os pares e os vizinhos exercem, também, um papel não negligenciável. Quais são as formas que asseguram o processo de aquisição das virtudes? São fundamentalmente três: exemplo, experiência directa e narrativas. Quando uma comunidade não encontra maneira de usar estas três formas, torna-se muito difícil assegurar que as novas gerações partilhem as virtudes e a noção de bem comum das gerações anteriores. Entra-se num processo de ruptura. Há comunidades onde não existe tempo nem espaço para assegurar essas três formas de aquisição das virtudes. As comunidades urbanas e suburbanas de muitas das nossas cidades, aquilo a que eu chamo de sociedades materialmente desenvolvidas, têm vindo a organizar-se de um modo que torna bastante difícil o uso dessas três formas de aquisição das virtudes: exemplo, experiência directa e narrativas. O exemplo escasseia porque as crianças e os jovens partilham cada vez menos espaços e tempos em comum com os mais velhos. Não se encontram às refeições ou tomam as refeições à pressa e cada um para seu lado. Sem referenciais seguros dos pais, dos vizinhos e dos professores, as crianças e os jovens vão buscar os exemplos a outro lado: ao telelixo, ao lixo que circula na *web* e aos jogos para consolas. Em qualquer destes sítios, a probabilidade de encontrar exemplos de virtude é muito pequena.

A experiência directa também escasseia por várias razões: a infância e a adolescência prolongam-se por cada vez mais anos, a entrada dos jovens no processo produtivo e criativo faz-se cada vez mais tarde e as crianças deixaram de aprender as artes da sobrevivência e não têm oportunidades para desenvolverem competências de construção e de criação, ou seja, deixaram de o fazer porque compram ou dão-lhes tudo já feito.

As narrativas existem, mas nem sempre são as mais adequadas. Faltam as narrativas familiares e abundam as narrativas veiculadas pelo telelixo. Sem a partilha das narrativas familiares e das narrativas comunitárias, as crianças ficam sem referenciais

seguros, tendem a perder-se na incerteza e na dúvida e não conseguem encontrar uma ordem na confusão. Há, no entanto, comunidades onde o exemplo, a experiência directa e as narrativas continuam a ter um lugar central no processo de socialização e de aquisição das virtudes. A República de S. Tomé e Príncipe é uma delas. Pude presenciar que as crianças continuam a ser ensinadas pelos pais, irmãos mais velhos e vizinhos nas artes da sobrevivência e a desenvolverem competências do domínio do saber-fazer porque são envolvidas, desde cedo, nos processos produtivos familiares e escolares. Veja-se, no primeiro caso, o envolvimento das crianças e jovens no trabalho nas machambas ou na pesca e, no segundo, nas hortas escolares. Quero dizer com isto que, em S. Tomé e Príncipe e em muitos outros países de forte pendor comunitário, não há uma separação tão nítida entre o mundo da infância e o mundo dos adultos e que aquelas são envolvidas por estes em processos produtivos que lhes permitem o exercício contínuo da experiência directa e a aprendizagem das artes da sobrevivência.

Há algumas estratégias que facilitam a construção de comunidades virtuosas: traçar objectivos realistas mas ambiciosos; criar oportunidades para partilhar narrativas; envolver as crianças e jovens em processos produtivos; construir relações de proximidade; criar oportunidades para a supervisão e a correcção das actividades proporcionadas pela experiência directa.

Sem objectivos não há projecto. Sem objectivos realistas mas ambiciosos nunca passaremos da mediocridade. Os pais e as escolas devem traçar expectativas elevadas mas realistas. Não chega ter expectativas elevadas face ao aproveitamento escolar. Tão importante como isso é ter expectativas elevadas face ao carácter.

As virtudes são adquiridas de forma semelhante às artes. Para aprender música ou pintura é necessária a supervisão regular de um mestre, muita prática supervisionada e muita experiência directa. Sem a prática das virtudes, não há processo de melhoria do carácter.

Aristóteles responde à pergunta “como é que as virtudes são adquiridas?” da seguinte forma: “Há dois tipos de virtudes, virtudes de pensamento e virtudes de carácter. As primeiras nascem e crescem a partir do ensino e, por isso, necessitam de experiência e de tempo. As virtudes de carácter, ou seja do *ethos*, resultam do hábito (*ethos*), daí que se apelidem de éticas” (1). Se ancorarmos o nosso pensamento na teoria aristotélica da virtude, não podemos deixar de concluir que é extremamente difícil que as virtudes de carácter floresçam em comunidades viciosas. Pelo contrário, as crianças e jovens que cresçam em comunidades virtuosas têm mais probabilidades de adquirir as virtudes de carácter, atendendo a que estas dependem sobretudo da prática, dos hábitos, isto é, do *ethos*.

O envolvimento em serviços de voluntariado e em actividades produtivas é uma maneira prática e eficaz de envolver as crianças e jovens em experiências directas do tipo aprender fazendo. Em S. Tomé e Príncipe, tive oportunidade de testemunhar que o envolvimento das crianças no processo produtivo familiar não é uma manifestação de exploração de mão de obra infantil, como um olhar Ocidental apressado levaria a concluir, mas é sobretudo uma prática de socialização que aproxima os dois mundos, o mundo da infância e o mundo dos adultos, com evidentes benefícios para todos. Se nos lembrarmos que o cultivo das artes da sobrevivência está intimamente associado ao desenvolvimento das virtudes de carácter, é fácil de ver o potencial educativo dessas práticas.

As relações de proximidade são parte integrante do processo de sustentação de uma comunidade virtuosa. Para tal, têm de estar asseguradas algumas condições: tempo disponível para manter e aprofundar as relações de proximidade, tradição e autoridade reconhecidas e respeitadas por todos, reconhecimento da existência de um bem comum, envolvimento em práticas de produção de forma a assegurar a experiência directa. Em S. Tomé e Príncipe, essas condições continuam presentes na vida das comunidades e é essa a

razão que explica o elevado nível de aquisição e uso das virtudes de carácter por parte das crianças. O uso das virtudes de carácter é natural porque se tornou um hábito dizer a verdade, honrar os compromissos, mostrar coragem, ser paciente, respeitar os mais velhos e obedecer à autoridade legítima. Por contraste, em muitas comunidades de Portugal é difícil assegurar a presença dessas condições e, por isso, tão difícil o uso dessas virtudes. Quando visito uma escola básica de S. Tomé e Príncipe, é natural, porque é um hábito, que as crianças se levantem e digam em coro: "seja bem-vindo senhor visitante!" e que só se voltem a sentar quando o professor faz sinal. Também é natural que as crianças obedeam aos professores e aos pais e respeitem as relações de cortesia porque é um hábito fazê-lo.

Uma comunidade sem as condições enumeradas atrás não potencia o desenvolvimento do carácter. Regra geral, é fácil identificar as características de uma comunidade onde existe um *ethos* negativo: não há uma partilha da noção de bem comum, não há oportunidade para o envolvimento das crianças e jovens em actividades produtivas, não há respeito pelas tradições e não há tempo para aprofundar as relações de proximidade. Uma boa parte das famílias e escolas portuguesas estão neste caso. É por isso que eu digo que há muitas crianças portuguesas que vivem e crescem em comunidades viciosas onde é extremamente difícil adquirir as virtudes de carácter. Mas o pior de tudo é que muitas dessas comunidades viciosas são escolas.

1) Aristóteles (1985). *Nicomachean Ethics*. (Introdução, tradução e notas de Terence Irwin). Indianapolis: Hackett, 1103^a20, 15